Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

FOLIE À DEUX PELA CLÍNICA E POLÍTICA DO PSICANALISTA[1]

Mauro Mendes Dias – mauro.m.d@uol.com.br

Resumo: Uma abordagem psicanalítica da *folie à* deux é possível se for reconhecida, na oposição das explicações psiquiátricas, como uma questão que merece ser renomeada, pois o que importa na *folie à deux* não é redutível a condições de loucura que estão dadas pela hereditariedade, ou pelo contágio. O termo de ligação entre dois sujeitos denomina-se identificação, o que altera significativamente a estruturação e a explicação do problema. Invasão, separação e invenção se apresentam, à luz da relação mãe-filha e da *folie à deux*, como os três termos a serem enlaçados por um sujeito, de forma a sustentar uma posição inédita, pelo desejo. O artigo discute ainda internação como segregação, e a representação social da loucura, agora elevada ao status político da inclusão.

Palavras-chave: comunicação; folie à deux; linguagem; palavra; psicose.

São Paulo
2023

[1] Texto escrito em Campinas, em 16 de maio de 2011.

FOLIE-À-DEUX UNDER THE AEGIS OF THE PSYCHOANALYST´S CLINICAL PRACTICE AND POLICY

Abstract: A psychoanalytic approach to the *folie à deux* is possible if it is recognized, in opposition to psychiatric explanations, as an issue that deserves to be renamed, since what matters in the folie à deux is not reducible to conditions of madness that are given by heredity, or by contagion. The link between two subjects is called identification, which significantly changes the structuring and explaining of the problem. Invasion, separation and invention present themselves, in the light of the mother-daughter relationship and the *folie à deux*, as the three terms to be linked by a subject, in order to sustain an unprecedented position, through desire. The article also discusses hospitalization as segregation, and the social representation of madness, now elevated to the political status of inclusion.

Keywords: communication; folie à deux; language; psychosis, word.

FOLIE À DEUX PELA CLÍNICA E POLÍTICA DO PSICANALISTA

Desde quando foi comunicada na Société médico-psychologique de Paris em 1873, e publicada em 1877 por Falret e Lasègue (2002), a *folie à deux* inaugurou sua entrada no meio científico, através da dissertação dos psiquiatras franceses Falret e Lasègue. Reconhecida em descrições anteriores, em 1859 por Moureau de Tours e em 1860 por Baillarger, o quadro da *folie à deux* despertou duas explicações. A primeira, nomeada loucura comunicada, afirma que as alucinações e os delírios similares são comunicados ao componente passivo de uma dupla, sob a influência do primeiro, considerado ativo, ou dominante, portador de uma síndrome crônica" (Régis, 1880, p.43). Na segunda explicação, nomeada loucura simultânea (Régis, 1880, p.54), essas alucinações e delírios similares surgem concomitantemente nos dois doentes sob a influência de causas comuns. A *folie à deux* abordada como loucura comunicada participa da crença do contágio pela loucura, o que significa que o segundo elemento da dupla não é portador da mesma cronicidade do primeiro; somente aos poucos ele será contaminado. Enquantoloucura simultânea, ela se estabelece devido a condições patológicas que são comuns aos dois sujeitos, ficando apenas na dependência de contatos e influências ocasionais para que ela se conclua.

Vou partir do princípio de que uma abordagem psicanalítica da *folie à deux* se torna possível, a partir do momento em que se reconhece, na oposição das explicações psiquiátricas, uma questão que merece ser renomeada. Para tanto, é preciso elucidar que há uma diferença entre uma explicação que se baseia na simultaneidade de uma outra que se sustenta no contágio. A limitação comum a essas duas explicações tem a ver com o fato de que, pela teoria da adesividade, os dois são loucos, enquanto, pela teoria do contágio, um dos elementos da dupla vai se tornando louco aos poucos. O que passa a ser privilegiado é que, de um lado, se é louco desde sempre, bastando encontrar um parceiro para compartilhar dessa condição. De outra parte, dependendo dos encontros que se realizem na existência, aliado a uma fragilidade de um dos componentes, o destino passa a ser traçado pela loucura.

O que passa desapercebido nessas duas explicações é que aquilo que importa na *folie à deux* não é redutível a condições de loucura que estão dadas, ora pela hereditariedade, ora pelo contágio, mas, sim, que o termo de ligação entre dois sujeitos denomina-se identificação, o que altera significativamente a estruturação e a explicação do problema. E muda significativamente por quê? Porque falar de identificação implica, de saída, introduzir o inconsciente e o desejo sexual como operadores a partir dos quais a loucura é redefinida, melhor dizendo, reinventada.

Para tanto, é necessário não se satisfazer com a retomada da Psiquiatria, pela Psicanálise,

como sinônima de uma substituição de termos, ou seja, lá onde havia simultaneidade e contágio, agora se colocam identificação e desejo inconsciente. O estabelecimento da relação entre a Psiquiatria e a Psicanálise reduzida ao campo das substituições é o que tem levado a considerar a Psicanálise como sinônima de uma "cosmetologia". Ao mesmo tempo que permite a proliferação, entre os psicanalistas, de uma denegação da especificidade de seu campo de experiência, qual seja, a suposição de que os problemas são os mesmos e que só mudam as explicações.

Se foi indicado no início do texto que a questão trazida pela *folie à deux*, desde atradição psiquiátrica, merece ser renomeada pela Psicanálise, como condição de sua abordagem, é mesmo porque, ao introduzir a identificação e o desejo inconsciente, não se trata mais de se deter na problemática da *folie à deux* como sinônima de um delírio ao qual se adere com prontidão, ou pelo qual se é tomado aos poucos. Notemos que na concepção da *folie à deux* como simultaneidade delirante, assim como contaminação progressiva, existe, em um e em outro caso, o encerramento da questão, ora determinada pelo encontro marcado entre dois loucos, ora pelo encontro fortuito entre eles. O que nos chama a atenção nisso é que a *folie à deux* é algo já dado, estando ela já dada pela loucura de dois sujeitos que bastam se encontrar para que ela floresça, tal como uma fruta que nasce madura após o encontro da semente com a terra adubada; ora, ela já está dada, como uma espécie de praga que existe antes do encontro com o polo mais fraco, bastando o acaso para desencadear a contaminação. Essa condição de já ser dada, seja através de dois indivíduos, seja por um deles, é a colocação em evidência da inexistência de uma estruturação simbólica. É como se a loucura habitasse desde sempre dois sujeitos, ou um deles, e a causa disso, loucura, não precisasse ser situada. Tacitamente ela é colocada fora de operação.

Não há dúvida de que apresentar a *folie à deux* como um quadro que já foi pintado antes do encontro entre dois sujeitos permite reduzir sua complexidade, ao limitar em saber se nele iremos observar uma sobreposição entre duas imagens ou se se trata de um apagamento progressivo de uma das partes componentes.

Nesses termos, o que o quadro da *folie à deux* nos revela pela tradição psiquiátrica é bem mais de acordo com um discurso. Nele, a *folie à deux* se anuncia como apagamento. Ou o sujeito já vem ao mundo apagado pela loucura e reafirma tal condição no encontro com seu semelhante, ou ele vem ao mundo como portador da capacidade de apagamento progressivo de um outro. Nesse quadro, que não é mais clínico, mas, sim, ideológico, a loucura apaga, dissolve as particularidades, ameaçando, seja com o aumento de sua potência, seja com sua capacidade de contaminação, a existência de quem dela se aproxima.

Basta que nos detenhamos no quadro pintado da *folie à deux* pela tradição para que possamos recolher dois procedimentos em pleno exercício para lidar com a loucura. Em se tratando de sua apreensão como loucura simultânea, deduz-se a necessidade de redução dos danos no encontro inexorável promovido entre seus pares. Enquanto sinônima de loucura por contágio, trata-se de produzir as condições para manter uma distância dela, fazendo do termo separação o significante que vai definir o contato com ela. Seja separação como termo organizador do louco com a pólis, seja separação comoo elemento que define propostas diferenciadas de falar sobre a loucura, e não mais com ela.

No primeiro caso, a história da internação como prática de segregação continua a mostrar seu vigor. Daí a importância e atualidade da *Jornada Folie à deux na relação mãe-filha,* de 2011, promovida pelo Seminário *Fundamentos da clínica do psicanalista, pelas psicoses*[2] no ano passado, cujo tema foi o da internação nas psicoses. No segundo, a separação com o louco se realiza através de um discurso que o explica com termos e metáforas elegantes, porquanto baseadas em saberes reconhecidos, tais como a Psicanálise continua a produzir uma situação inédita em nossos dias, autorizando a falar da loucura, ao mesmo tempo em que se prescinde do encontro com ela. Um terceiro desdobramento se anuncia no tocante à separação e que não coincide com a segregação, tampouco com a evitação por um saber já dado. Ele participa da representação social da loucura, agora elevada ao status político da inclusão. Tudo se passa como se a inclusão do louco fosse algo que estivesse somente na dependência da vontade e dedicação do trabalho dos que dele se ocupam nos serviços da rede pública. Adificuldade de articular e diagnosticar tal estratégia de evitação é porque ela age pelo negativo. Lá onde antes se identificavam expedientes grosseiros de apagamento e distância, agora florescem propostas de inclusão que, ao agirem em conformidade com políticas de propaganda estatística, evitam ter de se haver com a especificidade da experiência da loucura. Lá onde a loucura revela sua face de inadaptabilidade ao laço social, assim como de recusa aos tratamentos dispensados em seu nome, a promessa do louco cidadão se anuncia como um fantasma que caminha a passos largos encobrindo osimpasses e as impossibilidades.

A *folie à deux*, segundo a concepção da loucura comunicada, parte do princípio de que, aos poucos, o contato com o louco promove a possibilidade de debilitação do parceiro que com ele compartilha uma relação de intimidade, uma vez que esteúltimo esteja marcado por algum tipo de fragilidade. Sem estender, ainda, como situar o que significa tal fragilidade, é digno de nota que nessa concepção parte-se do princípio de que há consequências, não somente

[2] Seminário realizado por Mauro Mendes Dias. Teve início em julho de 2009, em continuação; aconteceu por alguns anos uma vez por mês, em São Paulo, no Centro Clínico Pinheiros, das 10 às 13 h

no contato com o louco, mas com o que por ele é comunicado, ou seja, por seu discurso. Entende-se que a recepção pelo parceiro desse discurso pode promover mudanças extremas.

Temos apresentado, desde então, que a comunicação, enquanto uma ligação discursiva entre dois sujeitos que participam de uma mesma língua e do entendimento dela, leva à loucura. Nesses termos, a comunicação integral de uma língua, no sentido em que o sujeito a assimila, tal como é comunicada, a ponto de o receptor se fazer o polo de realização da mensagem do outro, é a colocação em exercício da loucura. Em outras palavras, a *folieà deux* enquanto loucura comunicada revela que a comunicação é a loucura. Ou, ainda, que a comunicação se realiza na loucura, legitimando que a *folie à deux* tenha sido nomeada como loucura comunicada.

Além de podermos situar o problema da comunicação e da língua na loucura através da *folie à deux*, ela também permite esclarecer que o laço entre sujeitos que participam de uma mesma língua, no sentido de que essa língua se qualifica por um entendimento comum e integral de seus termos, leva à loucura. Notemos que aquilo que aqui se nomeia como loucura não é coincidente a manifestações que, devido ao seu caráter manifestamente delirante, poderiam ser incluídos com facilidade no campo das psicoses. Até porque, estamos advertidos, a partir de uma experiência com tais sujeitos, de que a existência de delírio não é suficiente para diagnosticar a psicose, da mesma maneira que aquilo que mais se aprende com a fenomenologia é ser enganado.

Dois elementos merecem destaque para situar a loucura, mantendo como referência as elaborações de Jacques Lacan (1946/1988):

1. "Toda loucura é vivida no registro do sentido" (p.166).
2. "A loucura se realiza como uma estase do ser numa identificação ideal que caracteriza esse ponto de um destino particular" (p.173).

Vamos partir do princípio de que a língua que é experimentada na loucura não somente tende à univocidade, ela é também esvaziada de mal-entendido, o que aqualifica para fixar os sujeitos que a compartilham num destino fixado pelo Outro. Desde então, pela anulação da equivocidade, não há como existir escolha baseada entre alternativas diferenciadas e diferenciadoras, reduzindo ao extremo as possibilidades de exceção. Em termos da constituição da ordem simbólica, deparamo-nos com uma linguagem empobrecida, porquanto limitada na produção inédita de sentidos. Reencontramos aqui a extensão da Psicanálise no tocante à análise da linguagem nazista, tal como pesquisada pelo filólogo Victor Klemperer, em sua obra *A linguagemdo Terceiro Reich* (1957/ 2009). Segundo ele:

> O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões ou frases, impostas pela repetição, milhares de vezes, e

> aceitas mecanicamente (p.55) (...) Palavras podem ser como doses minúsculas de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do venenose faz notar (p.25).

Refletindo sobre a obra de Klemperer, George Steiner, no livro *Linguagem e silêncio: ensaio sobre a crise da palavra* (1958/1988*)*, fala sobre "a pobreza proposital da linguagem nazista, e Klemperer esclarece como ela foi talhada para dirigir o pensamento do povo de acordo com a intenção do regime. A linguagem oral e escrita se assemelham. A fala é em tom de declamação, fácil de decorar e ocade conteúdo (OELSNER, 2009, p.25).

O que, muitas vezes, passa desapercebido em tais análises é quanto à necessidade de esclarecer sobre o tipo de gozo que esses sujeitos retirariam ao permitirem ficar inteiramente tomados como servos nesse tipo de linguagem. Aqui se evidencia que o denominado polo mais fraco da *folie à deux* na verdade se beneficia segundo duas modalidades, a saber:

- A primeira se refere a um consentimento que é dispensado por tais sujeitos à identificação com o discurso do Outro, deixando-se tomar por ele, o que favorece a suspensão do mal-estar que sua própria posição subjetiva promove. O que se intitula como alienação ao discurso do Outro, na verdade, permite viver uma liberdade que é sinônima de encobrimento dos próprios impasses. A culpa por ter abdicado do desejo retorna, segundo a lei do superego, em exigências cada vez maiores de servidão, a ponto, tal como no nazismo, de gerar colaboradores-delatores no seio da comunidade que é perseguida.
- A segunda modalidade de gozo, que, na verdade, é um desdobramento da primeira, implica a liberdade de poder agir em conformidade com os imperativos de um discurso que, por se estar nele, através da identificação com o ideal, confere ao sujeito as condições de levar ao extremo a destruição que é agenciada pelo discurso do Outro. Os impasses promovidos pela diferença são realizados num consentimento para a passagem ao ato de forma coletiva, condição do genocídio. Considero que o gozo do ódio, agora posto em ato, é o fundamento dessa eficácia, fazendo dele uma política. Análise convergente com a pesquisa levada a termo na obra magistral de Jacques Sémelin, *Purificar e destruir* (2009). Nela, encontramos afirmado que há um passo a mais a ser dado em relação ao trabalho de Michel Foucault, *Vigiar e punir* (1975/2008). Trata-se da tomada em consideração do que o autor nomeia como "poder de destruir". Segundo ele:"(...) o ato de massacrar constitui a prática mais espetacular de que um poder dispõe para afirmar sua transcendência, marcando, martirizando, destruindo os corpos de quem ele designou inimigo (SÉMELIN, 2009, p.25).

Pelo que vem sendo apresentado, o laço constituído na *folie à deux*, entre dois sujeitos, ou muitos, revela que, em se tratando da paranoia, a tônica dessa amarração é a redução de alternativas diferenciantes; por isso mesmo, desde a Psicanálise, ela é a posta em ato de uma posição que compromete a separação, pelo desejo. Foi através de um trabalho de retomada da *folie à deux* nos primeiros casos de paranoia estudados por Jacques Lacan que se pôde constatar a presença da relação mãe-filha ilustrando seus impasses. Impasses esses, deve-se notar, de uma ordem dupla. A primeira se refere à situação que é típica da montagem da *folie à deux*, pelo mecanismo da foraclusão, alinhando-a com a psicose paranoica. Ela determina o emprego incondicional da filhana causa da mãe. Ponto não menos expressivo quanto se recolhe que, de fato, em se tratando do caso das irmãs Papin, elas haviam sido empregadas no desejo de sua mãe,ao mesmo tempo em que desempenhavam, por extensão, a função de empregadas na casa dos Lancelin onde trabalhavam, lugar esse em que o duplo crime seria realizado. Em segundo lugar, a tradição freudiana nos ensina que há um laço da filha com a mãe que não somente deixa um resto ineliminável, mas também que é nessa mesma relação que Freud adverte quanto ao surgimento de fantasias de envenenamento por parte da filha, quando esta não consegue realizar a separação com a primeira.

Se a relação mãe-filha exacerba a dificuldade de separação que se recolhe de forma extremada na *folie à deux* é mesmo porque o advento do desejo do lado da filha se encontra na dependência da forma segundo a qual sua própria mãe transmitiu a ela a lei da separação, enquanto Lei do desejo. Ou, ainda, a transmissão das condições para a simbolização do desejo pela filha se encontra na dependência da solução inventada pela mãe, junto ao desejo que vem pela avó. Podemos notar que, tanto na relação mãe-filha quanto na *folie à deux*, mediante a estruturação simbólica, o que se constata é que essa dupla está remetida, ao menos, a um terceiro. No caso da relação mãe-filha, à avó. No caso da *folie à deux*, ao terceiro enquanto excluído. Por extensão, é na relação mãe-filha que se pode indicar a colocação em ato da *folie à deux*, uma vez que é nesta que os impasses para a separação vão determinar os atos que visam permitir ao sujeito se desvencilhar dessa presença que o recobre. Em se tratando das irmãs Papin, por exemplo, foi através do ato criminoso que Christine e Lea Papin realizaram uma tríplice separação. A primeira entre elas duas, uma vez que cada uma delas dilacera o corpo de cada uma de suas vítimas, lembremos, um casal mãe-filha, isoladamente. Em segundo lugar, pelo ato, elas se separam da condição de empregadas e passam a ser nomeadas como criminosas. Em terceiro lugar, devido à prisão e, posteriormente, à internação, elas se separam, tanto entre elas, já que não compartilham mais a mesma habitação, assim como em relação à mãe, uma vez

quese encontram privadas da possibilidade de retornar para a casa dela.

Mais uma vez, aqui se insiste que a assimilação da relação mãe-filha, no quadro da *folie à deux*, tem como objetivo destacar que a passagem para o advento do desejo se encontra na dependência, por um lado, de um desejo que está estruturado antes de o sujeito vir ao mundo; por outro, que a separação por inteiro é impossível, uma vez que ésomente a partir do lugar de mulher que se experimenta a função de mãe, ao mesmo tempo em que é a partir da relação com a mãe, enquanto filha, que se passa, ou não, à posição feminina. Conta-se também que, tal como na *folie à deux*, a problemática vivida na relação mãe-filha introduz a necessidade da invenção de uma solução inédita junto ao desejo da mãe, de forma a franquear o acesso ao desejo do lado da filha, a partir de então, uma mulher. Entendendo-se que a nomeação de "uma mulher" diz respeito a uma posição feminina, termo indicativo de uma provisoriedade, que alerta para o fato de queninguém é mulher por inteiro, a não ser na psicose.

Ainda que a relação mãe-filha permita situar a dificuldade de separação que se encontra de forma extremada, devido à ação do mecanismo da psicose, na *folie à deux* isso não impede de afirmar que o que a relação mãe-filha tem de parentesco com a loucura é essa condição em que não se pode falar de uma sem a outra. Seja porque para advir a uma posição feminina a filha se encontra na dependência do desejo da mãe, seja no que, para advir à função de mãe, a mulher precisa se valer de sua posição feminina, pelo desejo que lhe foi transmitido por sua própria mãe. Não deve ter sido por acaso que Jacques Lacan identificou a mãe no lugar da Coisa, condição essa que exprime que A Mãe, enquanto presença absoluta, impede o advento do sujeito, condicionando a necessidade de sua expulsão, transformando-a em fundamento simbólico para aexistência. O notável é que essa mesma mãe, à qual é preciso dar uma destinação simbólica, é também quem, através de seu desejo, permite o advento do sujeito à vida. Pode-se notar que o desejo da mãe se estrutura por uma condição de invasão. Caso ela não invada o corpo de seu filho de maneira a tentar decifrar suas demandas, o bebê humano falece. Ocorre que uma coisa é invadir o corpo do Outro, mantendo-o como lugar de enigma e suposição de saber, outra coisa é invadir esse corpo para dele se apossar, fazendo disso uma extensão de si mesma, já que ali não é reconhecido nenhum tipo de alteridade. Por isso mesmo, é possível reconhecer no desejo da mãe, naquilo que ele é portador desse caráter de invasão, seja à base de reticências, seja visando à totalização, o núcleo a partir do qual a *folie à deux* ora se estrutura de forma comunicada, ora de maneira simultânea. O que permite afirmar que, desde *a folie à deux*, o desejo da mãe se esclarece em sua vocação recobridora do Outro, visando seu apagamento.

Invasão, separação e invenção se apresentam, à luz da relação mãe-filha e da *folie à*

deux, como os três termos a serem enlaçados por um sujeito, de forma a sustentar uma posição inédita, pelo desejo.

Voltando ao quadro, agora o de uma artista, Anna Maria Maiolino, intitulado "Por um fio", da série *Fotopoemação*, de 1976. Trata-se de um quadro, ainda que seja uma fotografia, já que não somente a própria artista, em uma de suas montagens, a enquadrou com uma moldura, mas também que, nesse trabalho se revela aquilo que não é representado e, nesse sentido, faz quadro, dando a ver sem mostrar. O que se vê? Um fio que liga, pela boca, a avó, a mãe e a filha, no caso, a neta. Esse fio, que evoca o fio da palavra, mostra que a ligação que se estabelece entre os seres de linguagem está para além do visível, remetendo a um Outro, que vem antes, o que chega até eles. Basta sobrepor ao quadro o nó que é próprio da paranoia, para notar que o que se obtém é uma continuidade que se estende mantendo a ligação entre os três. Essa amarração, chamada na topologia de nó de trevo, que é o nó da paranoia, portanto, o da *folie à deux*, tem como característica distintiva o fato de não ser borromeano, ou seja, um corte não é suficiente para desatar a ligação entre os três. São precisos três cortes, entendendo que esses três cortes haverão de promover efeitos, ou não, de dois a dois. Isso porque, partindo da neta, ao fazer ela um corte com a mãe, para que esse corte repercuta promovendo efeitos separadores do lado da mãe, vai ser preciso que ela consinta com o corte dado pela filha, o que pode acontecer, ou não, e assim sucessivamente. O fato de a mãe, assim como a avó, não permitir que os efeitos de separação se reproduzam não impede de considerar as consequências do ato para a filha, que, ao menos, terá conseguido se desfazer do nó, inaugurando, por uma ponta do fio, a esperança de algo novo a partir do corte. O que faz o corte? Um dizer, segundo Jacques Lacan. Essa palavra nova que, por sua vez, inaugura uma Outra posição, é uma resposta ao desafio que alguns sujeitos se dispõem a experimentar, de maneira a reinventar a ligação com o fio da palavra que os constituiu. A partir de então, o fio, que antes condicionava uma ligação em continuidade, perpetuando as mesmas palavras, abre a possibilidade de encontrar, no fio da palavra, o fio da navalha que irá cortar o que se mantinha ligado até então.

Não há como antever, programar ou mesmo indicar os meios pelos quais um sujeito poderá fazer um corte, pelo fio da palavra, como fio da navalha. O que recoloca a necessidade de situar, através do quadro da artista, um além do visível, como o lugar de habitação do sujeito do desejo, assim como de seus fracassos. Nesse caso, o quadro se faz convite: o de se deixar levar pela luz da cegueira, como condição de encontrar, na palavra, o fio da navalha.

REFERÊNCIAS

BAILLARGER, J.G.F.Quelques exemples de folie communiquée. **Gazette des hôpitaux civils et militaires**, n° 38, p. 149, Paris, 1860.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 35ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008 – 288p

KLEMPERER, V. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich.** Trad. Miriam B. P. Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. Apresentaçãop.25 https://www.contrapontoeditora.com.br/arquivos/detalhes/Apresent.%20e%20crono.pdf https://www.academia.edu/42254029/KLEMPERER_Victor_LTI_a_Linguagem_do_Terceiro_Reich_pdf

LACAN, J. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica p 152-194. In:_____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988

LASÈGUE, C., & FALRET, J. (1877). A loucura a dois. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental,** 9(4), 714-728, 2006.

_____. La folie à deux. Annales Médico-Psychologiques, n. 18, p. 321- 355, 1877. Trad: Maria Vera Pacheco. Revisão técnica:. Mário Eduardo Costa Pereira, Laboratório de Psicopatologia Fundamental – Unicamp. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rlpf/a/QBCWQFYVrWSdZmXwHcxLM6p/?lang=pt&format=pdf

MOREAU DE TOURS, J.(1859**) La Psychologie Morbide dans ses rapports avec la philosophie de l'histoire ou de l'influence des névropathies sur le dynamisme intellectuel** Paris: Victor Masson, 1859. Disponívem em: https://archive.org/details/BIUSante_34953

MAIOLINO, A.M.[Por um fio] 1976. **série Fotopoemação**. 1976. Fotografia analógica em preto e branco 52 x 79 cm. Tiragem de cinco. Fonte: https:// www.artsy.net/artwork/anna-maria-maiolino-por-um-fi o-serie-fotopoemacao- -from-photo-poem-action-series-1. Pág. 139. Disponível em: https://dasartes.com.br/materias/anna-maria-maiolino/

OELSNER, M. B. P. LTI. **Apresentação. A linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2009 (apresentação e tradução).

RÉGIS, E. **La folie à deux ou folie simultanée**. Paris: J-B Baillière, 1880. Disponível em: http://psyfontevraud.free.fr/AARP/psyangevine/Documents-historiques/regis-folie-a-deux-1880.pdf

SEMELIN, J. **Purificar e destruir.** (J. Bastos, trad.). Rio de Janeiro: Difel, 2009.

STEINER, G. **Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988 .Disponível em: https://kupdf.net/download/steiner-george-linguagem-e-sil-ecirc-ncio_58a5e6446454a72951b1e8e5_pdf